



Juventude Rural de Limoeiro/PE: Vídeo e Fotografia os Dois Lados da Câmera¹

Aline BOMFIM²
Giuseppa SPENILLO³
Eliane SILVA⁴
Ana Carla CARMO⁵
Vanessa SANTIAGO⁶
Camila BORGES⁷
Felipe SOUZA⁸

Resumo

O presente trabalho tem o objetivo de relatar a troca de experiências com jovens rurais advindas de oficinas de vídeo e fotografia vinculadas ao projeto intitulado *Usos de tecnologia da informação e Comunicação para Afirmação da Cidadania e do Protagonismo de Jovens Rurais no município de Limoeiro/PE*. O foco do projeto é formar jovens rurais em diferentes linguagens das tecnologias digitais de informação e comunicação. A proposta é que eles atuem como agentes multiplicadores locais, promovendo exercício e a garantia dos direitos de cidadania, assim como o protagonismo juvenil. Neste relato destacamos as oficinas de vídeo e fotografia nas quais percebemos uma forte demanda perante os equipamentos e as atividades propostas. A partir daí, através da leitura de Boaventura de Sousa Santos buscamos novos discursos e narrativas sobre o mundo e as possibilidades e disponibilidades, percebidas ao longo do convívio entre tais sujeitos sociais. Assim também Jean-Louis Comolli nos ajuda a entender a espetacularização das narrativas e imagens da realidade suscitadas sob-relações de poder arraigadas na produção audiovisual.

Palavras-chave: juventude rural; vídeo; fotografia;

¹ Trabalho apresentado na modalidade Relato de Experiência na IV Conferência Sul-Americana e IX Conferência Brasileira de Mídia Cidadã.

² Estudante de Bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). E-mail: alineob@yahoo.com.br

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Bacharelado em Ciências Sociais da UFRPE. E-mail: gspenillo@yahoo.com.br

⁴ Estudante de Bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). E-mail: elianearaujo80@yahoo.com.br

⁵ Estudante de Bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). E-mail: ana_carla_do_carmo@hotmail.com

⁶ Estudante de Bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). E-mail: vanessamariasantiago@hotmail.com

⁷ Estudante de Bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). E-mail: Camila_csborges@hotmail.com

⁸ Estudante de Bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). E-mail: souzafelipe@msn.com

Introdução

O trabalho proposto é designado para relatar a troca de experiência e saberes possíveis e disponíveis advindas das oficinas de vídeo e fotografia por meio do projeto: *Usos de Tecnologias da Informação e Comunicação para a Afirmação da Cidadania e do Protagonismo de Jovens Rurais no Município de Limoeiro/PE* do grupo de estudos e pesquisas em Comunicação, cidadania, direitos e mudanças sociais (COMUDI) da Universidade Federal Rural de Pernambuco, em atualmente executado no ano de 2013. O principal objetivo do projeto é formar jovens rurais em diferentes linguagens das tecnologias digitais de informação e comunicação para atuarem como multiplicadores locais que promovam o exercício e a garantia dos direitos de cidadania, assim como o protagonismo juvenil.

Algumas das linguagens que destacamos para a produção de tal relato foram vídeo e fotografia, nos quais o coletivo se mostrou mais participativo. Desta forma, a partir do texto proposto *Juventude Rural de Limoeiro/PE: Vídeo e Fotografia os Dois Lados da Câmera*, pretendemos compartilhar da troca de saberes, experiências e vivências percebidas e disponíveis, mas nem sempre tão visíveis, sobre o envolvimento com os equipamentos das respectivas oficinas já citadas, mostrando os jovens frente e à frente das câmeras. Teremos como principal base teórica Boaventura de Sousa Santos, indicando a valorização e produção de uma nova racionalidade que busca novos discursos e narrativas sobre o mundo. Apresentamos este processo através do olhar da juventude rural no município pernambucano de Limoeiro, localizada a 77 quilômetros da capital. Santos (2010) em relação a invisibilidade das narrativas não hegemônicas afirma que:

Em primeiro lugar, a experiência social em todo mundo é mais ampla e variada do que a tradição científica ou filosófica ocidental. Em segundo lugar, esta riqueza social está a ser desperdiçada. É deste desperdício que se nutrem as ideias que proclamam que não há alternativas, que a história chegou ao fim e outras semelhanças. Em terceiro lugar, para combater o desperdício da experiência, para tornar visíveis as iniciativas e os movimentos alternativos e para lhes dar credibilidade, de pouco serve recorrer à ciência social tal como a conhecemos (SANTOS, 2010 p. 94).

Compartilhamos os entendimentos de Boaventura de Sousa Santos (2010), pois sem a valorização e reconhecimento de uma vastidão diversificada de saberes, práticas e vivências não podemos querer que tais jovens exercitem e garantam os direitos de cidadania tal como o protagonismo juvenil. Desta forma, não estamos praticando comunicação nem produzindo

novos conhecimentos se não trocarmos experiências e conhecimentos com o grupo pesquisado.

Para uma leitura através do vídeo e da fotografia, trazemos a visão de Jean-Louis Comolli (2008) em que o autor nos alerta sobre a espetacularização das narrativas e imagens presentes na produção audiovisual. Portanto, a realidade é produzida através de uma perspectiva da qual essencialmente competem relações de poder:

Um cinema que se afasta da singularidade dos sujeitos reais (em sua maior parte, de condição minoritária) e da sua subjetividade, e que se submete docilmente às condições políticas e técnicas que hoje regem a produção audiovisual. Em um movimento duplo, ele se afasta das ruas – do real – e procura abrigo nas chamadas “instalações”, exibidas pelos museus e galerias de arte; afasta-se do documentário e se avizinha da “ficção lisa”, ou pior, cria a ficção com pitadas de real, ou ainda – o que dá no mesmo – cria o documentário com pitadas de ficção, feitos para agradar e divertir o público [...] (COMOLLI, 2008 p. 32 e 33).

Neste caso Comolli (2008) trata do cinema na distinção entre ficção e documentário, mas sua reflexão serve de orientação para este relato, pois acolhe as ferramentas vídeo e fotografia no que entendemos como conjunto audiovisual, para tratarmos das relações de poder entre sujeitos por meio do objeto, neste caso a câmera (filmadora/fotográfica).

Os Dois Lados da Câmera

As oficinas do projeto *Usos de TIC's para a Afirmação da Cidadania e do Protagonismo de Jovens Rurais no Município de Limoeiro/PE*, realizaram-se aos sábados. Às atividades vídeo e fotografia foram destinados quatro sábados, sendo dois para cada uma. Estas tecnologias (vídeo e fotografia) estiveram presentes nas demais oficinas com o intuito de registrar os trabalhos executados, logo a proximidade dos jovens com as ferramentas instituíram-se gradativamente. Este processo ocorreu por etapas para atender os objetivos específicos do projeto, desde capacitar os jovens no uso das várias linguagens propostas de forma criativa, crítica e produtiva, até contribuir para sua autonomia, empoderamento e protagonismo no exercício da cidadania dentro de suas comunidades.

Após rompermos com barreiras e dificuldades - que contribuíram de maneira a enriquecer ideias e aprendizados assim como pulsão para realizações – as oficinas de vídeo e fotografia foram aplicadas sob grandes expectativas e tiveram ótimos resultados e descobertas.

Durante as oficinas é realizada sempre uma introdução ao uso das ferramentas que serão utilizadas e quais os objetivos pretendidos que comporão o projeto maior. Percebemos que o início das atividades se mostraram enfadonhas, devido as dinâmicas tradicionais cotidianas de salas de aula em que pouco busca e/ou provoca a interação e curiosidade do aluno. Osicineiros foram desafiados á incitá-los, produzindo e conduzindo rotas alternativas que não comprometessem as pretensões do processo de aprendizagem do coletivo, inclusive o nosso, sempre cientes do nosso compromisso como multiplicadores de conhecimento.

Por ordem dos acontecimentos narraremos a experiência da oficina de fotografia e tão logo a de vídeo, não esquecendo que são vinculadas por fases/etapas e que trata-se de uma sequência de trabalho.

Como já citamos anteriormente, houve dificuldades, dentre elas o acesso a equipamentos necessários às oficinas. No entanto tais dificuldades nos impulsionaram, no sentido de buscarmos saídas alternativas, estimulando a nossa criatividade. Utilizamos três câmeras e organizamos os jovens em grupos, permitindo que cada um tivesse acesso ao equipamento para a realização dos exercícios. Apesar da escassez de equipamentos, o que prejudica o processo individual de reconhecimento e entendimento de si com o objeto, ainda sim o resultado foi favorável pois o grupo trabalhou a coletividade e a solidariedade.

Na oficina de fotografia buscamos refletir sobre a produção, criação e registro da imagem, pois tomando a câmera como ponto de referência - tendo como noção as relações de poder simbólico e fetichismo que comportam os objetos - percebemos dois lados: o de quem possui/manipula o objeto (câmera) e o do quem ou o quê é possuído/manipulado através do controle do objeto e das interpretações que permeiam a imagem que se registra.

Quando as câmeras chegaram às mãos dos jovens e a proposta era que realizassem o registro do que pudessem e quisessem naquele momento, percebemos a interação que o objeto (câmera) provocou entre eles, no sentido de se conhecerem. Alguns se mostravam introvertidos tanto ao manusear a câmera como fazer parte do registro, mas principalmente no segundo. Ao observarmos a câmera como ponto de referência de uma análise entre dois sujeitos em que ela se encontra no meio, um dos lados revela as relações de poder oriundas da função/simbolismo que é imposta ao objeto, fazendo com que os sujeitos não tenham controle ou se deixem manipular pelo símbolo representado no objeto (câmera) e/ou como objetos.

As várias interpretações que uma imagem pode causar foram discutidas durante a oficina, pois tanto podemos exercer cidadania como corroborar para distorção negativa de algo, manipulando imagens e informações isoladas submetidas a algumas interpretações.

Na oficina de vídeo utilizamos uma filmadora da qual foi manuseada por cada um dos jovens, no entanto nem todos venceram as barreiras do (des)conhecido objeto. Até então a câmera era conhecida através da imagem que ela reproduz na televisão e no cinema, mas desconhecida quanto ao acesso e uso. O simbolismo e fetichismo demonstrados no contato com o objeto revelaram também a valorização econômica atribuída ao mesmo.

Depois de vencidas algumas barreiras entre objetos e sujeitos, notamos o estímulo ao conhecimento provocado pelo objeto na produção criativa de imagens (fotografias e vídeos) nos dois lados da câmera, tanto na postura controle/manuseio do objeto quanto performática frente suas lentes.

Na verdade, costumeiramente, a palavra do outro é mais tomada do que concedida; filmar é um ato violento, no qual quem olha para o outro é, ao mesmo tempo, olhado, avaliado, provocado, o que conduz a uma transformação mútua, recíproca, entre quem filma e quem é filmado (COMOLLI, 2008 p. 36).

Comolli (2008) afirma que há uma perda da inocência do sujeito perante a câmera, devido ao fetichismo e simbolismo impostos por ela. A natureza do homem se desfaz perante o objeto. E assim nasce o espetáculo. O autor enfatiza a relação entre quem filma e quem é filmado, pois a ideia produzida sob a imagem do sujeito filmado a maioria das vezes é oriunda da interpretação, tratamento, do roteiro, da experimentação de quem filma, ou seja, é a uma figuração e/ou criação ficcional de uma determinada ou dada realidade.

Deveríamos filmar não para “capturar” – que palavra perfeita para expressar o ato fílmico e fotográfico tal como concebido pela ontologia ocidental! – o corpo e o pensamento do outro (filmado), mas sim para transformá-lo e nos transformar (COMOLLI, 2008 p. 41).

Comolli nos indica, portanto que podemos transformar e sermos transformados através da troca de olhares e experiências na prática audiovisual.

Considerações

A concepção de imagem ocidental do outro é puramente representativa, provocada por uma tradição científica e filosófica. Indicando que apenas o campo da imagem é capaz de revelar as *experiências de conhecimento; desenvolvimento, trabalho e produção;*



reconhecimento; democracias; comunicação e de informação. Estes diálogos e conflitos suscitados através das possibilidades e disponibilidades percebidas pelas interpretações da realidade, só podem ser exercidas por meio de uma nova racionalidade da qual se produza/reconheça/valorize o conhecimento coletivamente, resultando em um trabalho de *tradução*. O trabalho de *tradução* visa o que une e o que separa os diferentes movimentos e as diferentes práticas, de modo que a determinar as possibilidades e limites de articulação ou agregação entre eles (SANTOS, 2010, p.127).

Referências Bibliográficas

COMOLLI, Jean-Louis. **Ver e Poder a inocência perdida: cinema, televisão, ficção, documentário.** Editora UFMG. Belo Horizonte, 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política.** Editora Cortez, 3ed. São Paulo, 2010.